

## **O que não cessa de não se atualizar**

**Loren Alyne Costa**

### **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo questionar de que forma se dá a temporalidade do inconsciente. Nos dias de hoje, percebemos as novas formas de sintoma que acompanham a lógica do discurso utilitarista. É preciso modernizar, aproveitar o tempo, este que está cada dia mais curto diante de tantas exigências e, para isso, deve-se descartar o que se torna obsoleto. Entretanto, a repetição traz aquilo do sujeito que retorna, o que não se atualizou, levando-o a uma "perda de tempo" com o "inútil" do seu sintoma. Frente às demandas da contemporaneidade, como a psicanálise pode dirigir a sua prática levando em conta o caráter real da repetição, isto que não cessa de não se atualizar?

**Palavras-chave:** atualidade, inconsciente, real, repetição, tempo, psicanálise.

Título em inglês: **What never ceases to not upgrade**

### **Abstract**

This paper aims to question what gives the temporality of the unconscious. Today, we understand the new forms of symptom that accompany the logic of speech utilitarian. We must modernize, use the time this is increasingly short in the face of many requirements and it must be discarded which becomes obsolete. However, the repetition of the subject that brings it back, which was not updated, leading to an "loss of time" with "useless" on your symptoms. Meet the demands of contemporaneity as psychoanalysis may direct its practice taking into account the real character of repetition, that which does not cease to be updated?

**Keywords:** present day, unconscious, real, repetition, time, psychoanalysis.

## **O que não cessa de não se atualizar<sup>1</sup>**

Loren Alyne Costa<sup>2</sup>

Muito se discute sobre os destinos do discurso psicanalítico na atualidade, em que se percebe, cada vez mais, uma queda dos ideais e um imperativo de gozo em nossa sociedade capitalista. Sem dúvida, a psicanálise é chamada a fazer frente às demandas dessa nova clínica, esta que sempre nos coloca novas questões, ao mesmo tempo em que retualiza outras. O sintoma se constitui a partir do laço social e a psicanálise deve levar em conta a época atual. Porém, o que do inconsciente realmente se atualiza?

Mesmo que o sintoma remonte a um novo modo de acesso à satisfação e seja um reflexo do modo de gozar contemporâneo, Lacan (1969/1998) nos indica que há algo da pulsão que “não cessa de não se escrever” e, tomando a repetição como um conceito fundamental da psicanálise, nos traz a noção de um impossível, de um real que permanece não atualizado.

Assim, se é possível ao sujeito atualizar algo do inconsciente, isso só acontece com os artifícios encontrados para lidar com o real. Diante disso, a repetição vem denunciar ao sujeito seu tropeço, numa tentativa de dar atualidade ao que se encontra “fora” do tempo. Pensar a questão da atualidade nos leva necessariamente a pensar a questão do tempo. Nesse sentido, o tempo para a psicanálise não traz uma garantia de regularidade, de aprendizagem, de modernização.

Sobre isso, Freud já nos diz que o inconsciente é atemporal, ou seja, desconhece o tempo. Em *O mal-estar na civilização* (1927/1969), ele nos explica como se dá o tempo para o inconsciente e compara a vida mental com a cidade de Roma, a “cidade eterna”. Nessa cidade, as ruínas do passado se mesclam com o desenvolvimento da grande metrópole e vestígios de diferentes fases podem ser trazidos à luz. Porém, enquanto na cidade há apenas vestígios e restos do passado, na vida mental nada é destruído com o tempo e as primeiras fases do desenvolvimento se mostram intactas, conjugam-se com o que se atualizou, e “o elemento primitivo se mostra preservado ao lado da versão transformada que dele surgiu.” (FREUD, 1927/1969, p. 77).

Portanto, o inconsciente foi tomado por Freud como uma memória, um passado que insiste em se repetir, indiferente à sucessão temporal. O inconsciente freudiano é movido pela compulsão à repetição, em que a pulsão faz uma trajetória regressiva a formas anteriores de satisfação. Deste modo, essas formas primitivas de satisfação — nunca totalmente abandonadas — deixam traços mnêmicos que funcionariam como uma via de retorno. Para Freud, há um tempo que passa, que se dirige para o futuro, e um outro que se dirige para o passado em forma de repetição.

Freud nos diz que, em análise, aquilo que o sujeito não consegue se lembrar surge como atuação. O que não está inscrito para o sujeito insiste, promovendo a atuação do que não se atualizou. O que a compulsão à repetição faz é tentar ligar os elementos de uma experiência não adquirida, para que essa experiência possa se tornar presente e, nessa forma, atualizar o inconsciente.

“Efetivamente o sujeito ainda não repete, pois não sabe o que está produzindo. Ao ser tomado pelo susto é que ele se dá conta de que a cena já era conhecida — só então a repetição aparece como tal. É a partir do novo susto que se conta uma primeira vez, que já aparece duplicada.” (GROSSI, 2002, p. 102).

Na repetição, a pulsão de morte não se insere no tempo, e age desligada do princípio de prazer. Freud nos indica que a partir do processo de elaboração essa experiência passa a ser temporalizada e pode se atualizar para inventar um novo destino. A repetição demanda a inscrição de uma cena que permanece atemporal, que não se tornou passado ainda, mas que se repete sempre, várias vezes, como a primeira vez. Ou seja, esse circuito demonstra uma insistência em inscrever no simbólico o que só consegue se repetir, já que, por meio dessa demanda, o sujeito marca o seu desejo.

Éric Laurent, em seu texto *Cidades analíticas*, nos traz uma conferência feita por Lacan em 1966 a estudantes norte-americanos, que propõe uma definição do inconsciente como algo pouco representável. Nessa conferência, Lacan adota a perspectiva freudiana e também faz referência a uma cidade: Baltimore ao amanhecer. Tal como propõe Laurent, enquanto o inconsciente freudiano traz a versão de ruínas arqueológicas, com impressões de uma civilização enterrada, Lacan afirma que a cidade está ali para recompor espaço e tempo. A cidade seria o espaço como tempo concentrado. Assim "se o inconsciente é Baltimore, sua relação com o tempo não é com o tempo arqueológico. É um tempo de profundidade menor, um tempo em superfície." (LAURENT, 2007, p.97). O amanhecer anuncia um novo dia, e o sujeito se dá como um objeto perdido. Em outras palavras, poderíamos pensar que a cidade é o que materializa todos os tempos juntos, as ruínas do passado e o amanhecer que aponta para o futuro, da mesma maneira que o inconsciente.

Freud tenta captar o interior de um sujeito que não desapareceu, da mesma forma como se pode escutar o silêncio das ruínas e fazer uma leitura das entrelinhas dos textos das civilizações perdidas. O inconsciente se dá como um sistema organizado, como um hieróglifo. Lacan nos indica que o tempo não se constitui como uma acumulação de camadas, mas uma estrutura na qual o próprio observador está imerso. Nesse sentido, "a modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte, cuja outra parte é o eterno e o imutável." (LAURENT, 2007, p. 102).

Percebemos, então, uma outra versão do inconsciente marcada pela possibilidade de invenção, como um futuro contingente e não mais uma noção de um inconsciente que permanece determinado no tempo.

Em *O Seminário, livro 11* (1964/1998), Lacan afirma que o inconsciente está sempre indefinido, pois não se sabe o que ele é. Sua temporalidade é a da pulsação de abertura e fechamento, isto é, um inconsciente que se faz presente no ato mesmo da fala e carrega algo de não realizado. A repetição seria o que traz a dimensão temporal do inconsciente, uma vez que traz a marca de um traço fixado no passado, mas também sua atualização pela fantasia.

Nesse sentido, Miller em sua conferência *A erótica do tempo* (2004) irá formular o que ele chama de paradoxo do futuro contingente. O nervo desse sofisma é a conversão do possível em necessário, um efeito de retroação. Por exemplo, se vai chover amanhã... é simplesmente possível; quando isso acontece, torna-se efetivo, verdadeiro. "É simplesmente porque reprojeta essa efetividade em sentido contrário que podemos dizer que isso anteriormente já era necessário." (Miller, 2004, p.26).

Há, então, uma dupla dimensão do tempo: o tempo que passa, marcado por uma abertura de possíveis, que Miller chamou de  $T_1$ , e outro de uma temporalidade retroativa que tem como efeito de significação a necessidade,  $T_2$ . Ou seja,  $T_1$  é continuamente duplicado por  $T_2$  que é constitutivo da significação, do sujeito suposto saber. Assim, "o que pertence ao futuro já está de alguma forma, inscrito no passado." (MILLER, 2004, p. 28).

A partir dessa indicação de Miller, podemos pensar que a repetição do sujeito em análise estaria no tempo que progride,  $T_1$ , mas projetada no tempo que retroage, isto é, atribuída ao inconsciente como já estando ali. Se para Freud há um retorno a um inconsciente que já se encontra determinado, Lacan nos indica que a regressão se constitui na própria articulação significante. "Não instalamos bebês no divã, mas podemos passar novamente pelas experiências das demandas antigas que se fixaram nos sintomas." (MILLER, 2004, p. 40). Desse modo, se o sintoma traz no presente, um passado que se atualiza, qual seria o futuro possível a partir da psicanálise? Se há um tempo cronológico que passa e um tempo inconsciente que permanece, como pensar num tratamento "breve" que faz um recorte no tempo?

Percebemos hoje uma difusão dos psicofármacos, das psicoterapias breves e cognitivistas, a exigência de uma renovação acelerada, a demanda de novos espaços, novas técnicas. Os dias atuais trazem certa impotência do simbólico e uma intolerância à vivência do inconsciente, e diante disso a psicanálise é tomada como um tratamento longo demais e, muitas vezes, ineficaz. O discurso capitalista traz cada vez menos a disposição para a escuta analítica e isso repercute no tempo das análises e na demanda de tratamento. Se a psicanálise pretende acompanhar as novas exigências, ou seja, operar pensando o inconsciente no contexto atual, ela também deve atentar para o que não muda, o que não se atualiza. A psicanálise lida com o real, com o impossível de significar, visando a levar o sujeito a inventar um novo destino para o sintoma e o gozo. O real aponta justamente para o que não se pode prever, para isso que instaura o não escrito, o contingente, o possível de se inventar. Assim, é preciso que o sujeito transforme a fatalidade do sintoma como atemporal e necessário em uma contingência, para, então, conseguir, de certa forma, "atualizar" o seu inconsciente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. "Recordar, repetir, elaborar" (1914). In: Obras completas de Sigmund Freud, **O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, 1969.

FREUD, S. "Além do princípio do prazer" (1920). In: Obras completas de Sigmund Freud, **Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, v. 18, 1969.

FREUD, S. "O mal-estar na civilização" (1930). In: Obras completas de Sigmund Freud, **O Futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1969.

GROSSI, L. **O conceito de repetição em Freud**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2002.

LACAN, J. (1964) **O Seminário, Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAURENT, É. "Cidades analíticas". In: **A sociedade do sintoma – a psicanálise hoje**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2007.

LAURENT, É.; MILLER, J.-A. "O Outro que não existe e seus comitês de ética". In: **Revista Curinga**, n.12, Belo Horizonte: EBP-MG, 1998.

MILLER, J.-A. **A erótica do tempo**, Salvador, 2004.

MILLER, J.-A. "O nó da repetição e da pulsão". In: **Silet: Os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido para a Jornada Interna do módulo IV do Curso de Psicanálise do IPSM-MG e apresentado em 08/03/10.

<sup>2</sup> Psicóloga, Mestre em Psicanálise pela Universidade Federal de São João Del-Rei e aluna do Curso de Psicanálise do IPSM-MG.